



GT 039. Feiras, mercados, capitais e potencialidades

Maria Catarina Chitolina Zanini (UFSM) - Coordenador/a,
Lídia Maria Pires Soares Cardel (Universidade Federal da Bahia) - Coordenador/a

objetivo deste GT ? refletir sobre os processos produtivos, as dinâmicas interativas, as unidades familiares de produção da agricultura rural e urbana, bem como as especificidades de seus locais de mercado. Compreendemos que os procedimentos de produção, consumo e distribuição de alimentos dialogam com os aspectos da vida cotidiana voltados para os hábitos alimentares, para o saber/fazer na transformação dos alimentos, como também, para as diversas formas de trabalho humano na relação com a terra, com o bioma e com os bens da natureza. Neste sentido, entendemos que as estruturas conceituais que separavam as sociabilidades urbanas e rurais devem ser revistas para que novos constructos analíticos possam emergir. Em suma, esperamos estabelecer um diálogo objetivo e subjetivo que permeie os vários processos produtivos, de circulação e de consumo de bens e processos gerados pelo modo de produção familiar. Pretendemos, igualmente, agregar estudos que pensem novas opções e ferramentas teórico-metodológicas para refletir acerca das feiras como lugares de mercados variados em que muitos capitais circulam (econômico, cultural, político, de conhecimento e outros) e nos quais muitas dinâmicas se processam simultaneamente, fazendo deste um espaço repleto de significados e potencialidades.

A utilização de sistemas de certificação participativa como ferramenta de organização da produção e de fomento de mercados consumidores locais.

Autoria: David Ivan Rezende Fleischer

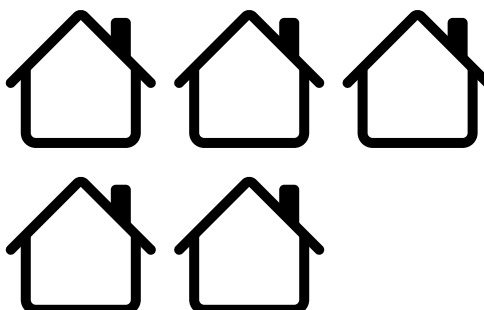
Os sistemas participativos de garantia (SPG), também conhecidos como processos de certificação participativa, têm modificado as relação de agricultores com a terra e com os consumidores. SPGs em diferentes locais do Brasil têm contribuído para o fomento da agroecologia e da agricultura orgânica, para a organização de novas feiras agroecológicas e para uma real aproximação entre produtores e consumidores. Os SPGs têm fortalecido mercados locais e a organização de agricultores, que agora trabalham coletivamente para a manutenção de sua certificação. Tendo como base um recente estudo de campo dos processos de certificação participativa e comercialização de duas redes de agroecologia ? a Rede Ecovida, da região sul do Brasil, e a Rede Povos da Mata, da Bahia ? este artigo discute como o SPG tem fomentado o desenvolvimento de mercados consumidores locais e estruturado novos processos produtivos. Os SPGs dessas redes promovem a agroecologia como principal processo produtivo, ajudando a organizar grupos de agricultores interessados em fazer a conversão da agricultura convencional para uma produção orgânica e ecológica. Essas redes também têm um papel fundamental em organizar e consolidar estratégias de comercialização, que incluem feiras, pontos de venda, entrega direta (CSA) e acesso a mercados institucionais (PAA e PNAE). Os processos de verificação entre pares e a exigência de cumprimento de regras básicas de produção por todos os envolvidos, auxilia na organização de coletivos de agricultores e fortalece a agricultura familiar. Esses grupos de agricultores também têm dado mais sustentabilidade a feiras no interior do Brasil. Organizados coletivamente, os agricultores conseguem estruturar de forma eficiente a produção, o transporte e a venda. O artigo também discute os custos sociais do SPG em termos de comprometimento e concessões que agricultores e consumidores precisam fazer para que esse processo coletivo de produção e comercialização funcione.



Realização:



Apoio:



Organização:

